

Depoimento sobre a participação na Revista Vernáculo

Lukas Gabriel Gryzbowski¹

Nos idos de 2007 a Revista Vernáculo parecia estar ameaçada em sua existência. O corpo editorial que até então comandava o periódico havia de certo modo debandado (formaturas, empregos, mestrados que os conduziram a outros caminhos) sem que um novo grupo assumisse o periódico efetivamente. Junto a isso os problemas de ordem financeira para sustentar uma revista impressa pelos discentes do curso de História da UFPR – que naquele momento carecia de dinheiro mesmo para papel higiênico – agravaram a situação e já se acumulavam alguns números sem publicação. Neste contexto juntaram-se alguns alunos para tentar reanimar a revista. A iniciativa foi conjunta entre bolsistas do CEDOPE – sempre tão ativo nas atividades discentes de pesquisa acadêmica na UFPR – e do NEMED, seus “vizinhos” de corredor, no sétimo andar do Ed. D. Pedro I, na Reitoria.

Lembro-me que a Natally Nobre Guimarães me abordou certo dia na sala do NEMED e começamos a conversar a respeito da Revista Vernáculo e das possibilidades de reanimarmos o periódico. A essa

¹ Comissão Editorial entre 2007-2009. Doutor pela Universität Hamburg. Professor visitante para a disciplina de história social da família na pós-graduação lato sensu oferecida pela ONG Eirene do Brasil.

altura eu já estava no mestrado e me preparando para um doutorado no exterior. Ainda assim achei a conversa estimulante e a proposta muito importante. Começamos então a ver quais as possibilidades de levarmos adiante a proposta do periódico. Grande parte das discussões foi sendo realizada informalmente nos intervalos “do cafezinho” em que eu e a Natally nos encontrávamos para ver os progressos. A essa altura havíamos concluído que uma forma de reavivar a revista seria a digitalização do material dos anos já impressos e a disponibilização desse material online. Por trás dessa decisão estava a ideia de transformar a Vernáculo em um periódico digital de acesso online. A UFPR tinha a possibilidade de nos fornecer um domínio institucional para que passássemos a publicar a revista digitalmente. Obra da Natally foi correr atrás das informações, conversar com os funcionários e conseguir para a Revista Vernáculo um espaço em meio aos periódicos da universidade. Enquanto isso eu passei a digitalizar todos os números que tínhamos em mãos e a buscar os volumes que nos faltavam, tarefa um tanto complexa, uma vez que a política da UFPR impede o empréstimo de periódicos das bibliotecas e ao mesmo tempo não disponibiliza um scanner para o uso dos alunos – ao menos esse era o quadro em 2007. Com esse trabalho passava a ficar cada vez mais claro que “a coisa tava ficando séria”, de modo que a Natally e eu conversamos sobre a necessidade de formarmos um verdadeiro corpo editorial, incluindo aí diversos alunos do curso nas funções que

precisavam ser conduzidas. Minha preocupação pessoal nesse momento era já a que eu não estaria muito mais tempo na UFPR de modo que temia em breve deixar a Natally sozinha com a Revista. Após algumas semanas realizamos então a primeira reunião oficial para estabelecer novo corpo editorial da revista. A reunião aconteceu na sala do NEMED, da qual eu tomava conta alguns dias da semana naquela época. Apareceram cerca de 10-15 alunos interessados em trabalhar na Revista Vernáculo, dos quais, se não me engano, somente uns cinco estavam realmente entusiasmados ao final da reunião. Ali também foram decididas “em papel” as funções de cada membro do comitê editorial, recaindo as posições de chefia para Natally e para mim.

Estando decididos os detalhes formais da organização do periódico fui-me a correr atrás da deficiência técnica no âmbito da editoração, para que a Revista não fosse apenas uma “coletânea de arquivos do WORD”, e sim um material com a devida editoração “quase profissional”. O processo de digitalização também se colocava aí como um desafio, uma vez que já não tínhamos acesso aos tipos utilizados na impressão dos primeiros números, nem a diagramação utilizada. Por outro lado era impraticável disponibilizar arquivos “PDF” com as imagens das revistas digitalizadas, uma vez que em 2007, embora a internet Banda Larga não fosse raridade, ter uma conexão de 256mb era ainda um artigo de luxo. A solução viável era fazer a digitalização dos números anteriores da revista de modo que os

arquivos fossem transformados em texto e não em imagem, reduzindo assim o tamanho de cada artigo digitalizado de 20mb para ca. 3mb. Surgiu ali também a necessidade de em alguns casos “reeditar” alguns números da revista (o n. 3, de 2000, p.e.) por conta da péssima cópia que tínhamos em mãos (com marcações etc. inviáveis de se disponibilizar online).

Em seguida havia o desafio de publicar um novo número da Revista Vernáculo contando com os materiais que já tínhamos em mãos, mas ainda eram insuficientes, e com novas contribuições. A “caça” de novas contribuições foi naquele momento talvez uma das atividades mais desgastantes, pois não queríamos publicar um número (duplo, como a situação exigia) com somente três ou quatro artigos. Por outro lado uma revista coerente não publica somente artigos de sua comissão editorial. Todos os membros da Revista Vernáculo desempenharam nesse sentido um papel fundamental de contatar colegas na UFPR e em outras universidades que estivessem interessados em publicar conosco. Esse esforço mostrou seus frutos, apesar da dificuldade inicial e logo tínhamos material para alguns números do periódico, ainda que sua publicação se tenha dado com relativo atraso (os números 19 e 20, e 21 e 22, de 2007 e 2008 foram lançados ambos, de fato, somente em 2008 – ou teria sido 2009?).

Minha própria participação nesse processo já no ano de 2008 estava se reduzindo. Sei que ainda participei ativamente do número de

2007, mas logo, como eu previa, a preparação para o doutorado passou a consumir demasiado meu tempo, de modo que tive de deixar a Revista Vernáculo, passando minhas funções oficialmente a Natally, que deu prosseguimento ao trabalho com os novos membros do comitê. Minha participação em um momento de grandes transformações no periódico não foi, sem dúvida, um “mar de rosas”, mas acredito que a contribuição foi positiva em ambas as direções, tanto no que tange a manutenção da Revista Vernáculo, que persiste ainda hoje, completando seus 15 anos de existência, quanto no que se refere ao meu próprio aprendizado no âmbito da coordenação de um periódico acadêmico. Creio ser desejo de todos os envolvidos nessa longa história que a Revista tenha sempre membros dispostos a fazer sacrifícios para manter o periódico ativo. Que sejam mais 15 ou muitos mais anos de existência.